

# Pulsões de destruição e doenças somáticas<sup>1</sup>

André Green<sup>2</sup>, Paris

*O autor examina primeiramente a ambiguidade dos conceitos de P. Marty (regressão, desorganização). Considera a necessidade da revisão do conceito de pulsão, que, tal qual concebido, explica insuficientemente as desorganizações da psicossomática. Propõe a hipótese de uma dissociação precoce entre a pulsão e o objeto nas estruturas psicossomáticas. Conclui com o exemplo de Goya, que sofreu crises somáticas que quase o levaram à morte, e sua produção das Pinturas negras, posterior a esse período.*

*Palavras-chave: Regressão; Desorganização; Pulsão; Objeto; Goya; Pinturas negras*

---

<sup>1</sup> Publicação original: Green, A. (2007). Pulsions de destruction et maladies somatiques. *Revue Française de Psychosomatique*, 32(2): 45-70.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Não estamos provavelmente prontos para dar uma resposta direta à problemática fundamental das relações entre as pulsões de destruição de Freud e as doenças somáticas. Podemos apenas tentar esclarecer como essa problemática pode ter encontrado seu lugar nos questionamentos atuais.

### **Ambiguidade dos conceitos fundadores na psicossomática**

Quando a Escola de Psicossomática de Paris finalmente nasceu, na década de 1950, sob a direção de Pierre Marty, buscou diferenciar-se da clínica psicanalítica tradicional. Todavia, a investigação não estava suficientemente avançada para elucidar psicanaliticamente as doenças somáticas estudadas. Diferentes elaborações teóricas, nem sempre convergentes, atribuíram um papel determinante às pulsões de destruição. Pierre Marty, no entanto, preferia falar em *organizações contraevolutivas* a dizer pulsões de destruição ou de morte. Porém, apesar da forte reserva quanto a uma intervenção das pulsões de morte no psiquismo, ele propunha considerar os *movimentos individuais de vida e de morte*. A má reputação, à época, de qualquer referência à pulsão de morte o levou a se desviar dela. Desse fato resultou uma nova nosografia: as estruturas neuróticas e psicóticas passaram a se dividir em neuroses bem mentalizadas, neuroses de mentalização incerta ou mal mentalizadas, neuroses de comportamento e psicoses. Penso que essa ideia de mentalização corrobora a ideia de um dualismo, não de tipo pulsional, mas entre o soma e a psique.

Não me debruçarei sobre os conceitos de depressão essencial e desorganização progressiva. Embora sejam, na verdade, muito próximos de efeitos identificados por Freud como pertencentes à desintração das pulsões de morte, respeitarei a ideia de diferenciá-los destes, num primeiro momento. Evidenciou-se que o movimento psicossomático – dentro ou fora da Escola de Paris – não conseguiu avançar muito no estudo das relações entre as doenças somáticas e os efeitos das pulsões de morte por não ter conseguido pensá-las.

Para sabermos por onde andamos, interessa-nos voltar a P. Marty, cujas concepções continuam inspirando em grande parte os psicossomatistas. Para tanto, é necessário interrogar sua obra *princeps*, *Les mouvements individuels de vie et de mort*. *Movimentos* é uma invenção terminológica de Marty. Não seria o que mais se aproxima da última definição freudiana de *moção* pulsional? No entanto, não foi por acaso que Marty preferiu ater-se aos *instintos de vida*. Um conceito órfão, pois

Marty (1974) o dissociou, como muitos autores em sua época, do conceito oposto de “instinto de morte” (p. 102-104)<sup>3</sup>, cuja existência ele se recusava a admitir, assim como seus contemporâneos o recusavam duplamente (como instinto e como estando ligado à morte). Todavia, Marty não pôde deixar de invocar as influências *desvitalizantes* ou *revitalizantes* do meio. Em suma, o instinto de vida segue sua vocação ou toma o sentido invertido, sem que seja necessário invocar uma força antagonista que tenha a morte como meta.

Quando Marty (*Ibid.*) é levado a supor a existência, desde o início, de uma orientação natural contraevolutiva, ele assinala a relação desta com a sensório-motricidade que precederia “a eclosão da vida mental individual” (p. 99), sem explicar a diferença entre contraevolutivo e mortífero. Ele enfatiza o papel capital desempenhado pelas fixações. De acordo com Marty, a existência de fixações sólidas e tardias formaria, mais do que as regressões, um escudo contra as desorganizações (p. 102; 103)<sup>4</sup>. Ele acrescenta: “A desorganização [é a] testemunha da precedência dos instintos de morte” (p. 104). O que é expulso pela porta volta pela janela.

Uma ambiguidade caracteriza as ideias de Marty. Se, por um lado, ele chega a recorrer, como acabamos de observar, aos instintos de morte, por outro, segue afirmando que os efeitos atribuíveis a estes se devem à ação exclusiva do empobrecimento progressivo, no decorrer do tempo, das formas de instinto de vida vinculadas às unidades biológicas consideradas. Os instintos de morte seriam a consequência da redução do potencial dos instintos de vida? Encontramos aqui uma posição antípoda a Freud. Ao se esforçar para dar uma diferenciação mais clara entre as regressões e as desorganizações, Marty acaba, às vezes, escrevendo o contrário. A regressão passa a ser, então, sinônimo de desorganização. Mais adiante, enquanto ele tenta nos demover dos instintos de morte, eis que lemos, em nota, um arrependimento tardio, sub-reptício: “De toda maneira, não duvidamos que um ‘privilégio de morte’ constitua, nas desorganizações humanas, sejam elas naturais ou pós-traumáticas, o prolongamento contraevolutivo extremo dos ‘privilégios de vida’ atribuídos às fixações regressivas” (p. 132). Há uma ambiguidade: o instinto de morte só entra em cena depois do esgotamento natural ou do colapso traumático dos instintos de vida, ou então há um *privilégio* na orientação para a morte, o que implica um direcionamento preferencial específico e não somente a consequência do empobrecimento do que nos mantém em vida.

Independentemente da maneira como queiramos pensá-la, a ideia de *privilégio* merece um esclarecimento. É necessário explicar ainda essa *segunda escolha melhor*. De acordo com tal hipótese, como admitir uma direção orientada

<sup>3</sup> Marty chega a empregar algumas vezes esse termo.

<sup>4</sup> Cf. *Ibid.*, nota 4 da p. 102 e p. 103.

para o privilégio substitutivo da morte – *organização na desorganização* – e contestar o efeito das pulsões de morte?

As imprecisões – para não dizer as confusões – da teoria de Marty, em que ele confunde regressão e desorganização, às vezes em legítima defesa, no intuito de distingui-las, não impediram seus alunos de prosseguir por um caminho diferente, não desprezando mais o uso da última teoria das pulsões. Atualmente, embora não se corra mais o risco de crítica quando se supõe a intervenção de uma pulsão de morte, mais com base na clínica do que na mera especulação, a relação com a teoria freudiana permanece frouxa. Se nos ativermos aos fatos, o que observamos? Por um lado, é a partir dos sintomas que se impõe o recurso a essa teorização; em outras palavras, é a coexistência de sintomas que a interpretação associa a uma patologia psíquica imprecisa com sintomas mais obscuros ligados à patologia somática. Por outro, a originalidade se deve à forma dos sintomas psíquicos, dos quais faremos aqui apenas um apanhado. Referimo-nos essencialmente aos trabalhos de C. Smadja (2006)<sup>5</sup>. Para ele, a via de abordagem mais proveitosa passa pelo exame da natureza das resistências. Presentes na psicossomática, assim como fora dela, as resistências se distinguem por deixarem entrever uma finalidade autodestrutiva que não parece, contudo, claramente definível.

## Percepção e identidade de percepção

Voltemos ao Freud do começo. Em sua teoria, destacam-se as relações entre identidade de percepção e identidade de pensamento. Notemos que a psique deve renunciar à sedução captadora das formas de percepção que se assemelham, ou, até mesmo, atraem-se, resultado de uma atividade antecipadora que busca encontrar uma relação frouxa, embora esta permita mantê-las unidas. Um breve exemplo: o sonho dos três leões que aparecem no deserto e que fazem rir a sonhadora (Freud, 1899-1900). Associações: a juba é o ornamento do *leão*. O pai da sonhadora tinha uma barba que emoldurava o seu rosto como uma juba. Sua professora de inglês se chamava Miss Lyon. A sonhadora ganhou um presente: as partituras de um compositor, *Loewe* (leão). Um homem que lhe beijou a mão é “o leão da sociedade da cidade” (Freud, 1899-1900, p. 275). Essa orientação preferencial é uma caricatura da consideração de figurabilidade projetada no exterior ou na língua: a transformação em linguagem pictural é o indício da busca a qualquer

---

<sup>5</sup> A presente exposição segue uma série de entrevistas com C. Smadja e apoia-se num exame minucioso de sua apresentação no Seminário Europeu, em dezembro de 2006 (sob minha coordenação), intitulada *Rêve et somatisation* [Sonho e somatização].

preço por um mundo onírico que curto-circuite o pensamento secundário em sua relação com o pensamento primário. As relações lógicas primitivas que ignoram a negação são, diz Freud (*Ibid.*), “a *semelhança*, o *acordo*, o *contato*”<sup>6</sup> (p. 364). No entanto, seria muito apressado passar por cima da diferença entre identidade de percepção e *semelhança*, *acordo*, *contato*, os três termos trabalhados em sua relação com o *essencial* do que é figurado-dito pela diferença em seus aspectos mais discretos, mas frequentemente seguidos de efeitos desproporcionais à tenuidade das distinções. Esses três mecanismos remetem a formas primitivas de união elementar que pressupõem todas uma necessidade de superar a separação para criar uma relação que permita uni-las e que se desenvolva de modos diferentes (identidade de pensamento).

Nas trocas relacionais do sujeito psicossomático, toda a subjetividade parece tender na direção da decifração-decodificação dos dados perceptivos. Sabe-se quanto a noção de *se fixar à percepção* foi enfatizada desde os primeiros trabalhos da psicossomática. Propomos falar de busca antecipadora, como se a percepção tivesse de fornecer uma resposta para uma *questão desconhecida*. Além disso, essa busca parece querer se sobrepor à questão que passou despercebida, permanecendo oculta. É tentador relacionar essa atitude de vigilância captadora com a ideia de uma excitabilidade excessiva na origem de uma forma de alerta, à espreita das formas que ela poderia apresentar à psique. Não saberíamos dizer se esse *sobreinvestimento perceptivo* se deve a um deslocamento do perigo para fora, como uma preparação, prevendo uma resposta não desejada ou não esperada, ou se é o resultado de um desinvestimento inconsciente para desviar a atenção do que poderia surgir da interioridade. Acima de tudo, isso reflete uma rigidez inconsciente contra um indesejável mal definido.

Última pergunta: diríamos que esse estado de alerta busca barrar uma opressão imprevisível ou a prevenir um possível transbordamento agressivo? De qualquer maneira, o fluxo de palavras sofrerá um esgotamento precoce ou se lançará sem muito controle numa narrativa biográfica intensamente vivida, mas exteriorizada como se fossem peripécias de outrem. Numa exposição como essa predominará uma fatalidade rica e intensamente mobilizadora, pouco sintonizada com uma interioridade caótica, submetida a determinações que tenderíamos a relacionar com a vida pulsional, mas que, na verdade, demonstram mais a necessidade de realizar performances. Às vezes, é o reflexo de uma desconfiança em se entregar a uma aventura mais facilmente negadora que reveladora do engajamento em se deixar levar numa relação desejada e temida ao mesmo tempo. Com frequência,

<sup>6</sup> A tradução das *Œuvres complètes* emprega “*ressemblance, concordance, contact*”, o “tudo como tal” que, mais do que qualquer outro, pode estar presente no mesmo sonho de formas diversas.

a marca da narrativa é a repetição. Repetição de uma geração a outra, repetição de um destino a outro ou de uma fatualidade a outra, que se caracterizaria menos em termos de identificação que de destino cego compulsivo. Como se as ligações capazes de lhe dar um sentido tivessem sido apagadas.

Para o interlocutor, não falta a nota traumática, mas não se encontra vestígio de seu eco no interessado, a não ser através de uma dramatização que desvia do sentido profundo que o habita. A mudança de meio, de modo de vida requer apenas uma adaptação, mas não uma interrogação retroativa no sujeito sobre as modificações que o afetam, suas razões de ser e o que elas deixam entrever sobre suas relações com seus semelhantes. Permanecem, mesmo assim, marcas não subjetivadas de destrutividade, que podem tomar a aparência de modos de sublimação ou dar origem a alternâncias de afetos invejosos ou de aniquilação sem indício de sua causa nem de sua origem. O próprio corpo é menos objeto de erotização que fonte de alvos deslocados, introjetados, reproduzidos de maus-tratos infligidos a si mesmo, ocultando seu destinatário de origem.

A crueza de certos comportamentos pulsionais agressivos mantém dissimulados os autoerotismos que supostamente proporcionam um prazer. A impermeabilidade do caráter evidencia a limitação relacional, a veleidade de independência, que é mais uma necessidade de não relação, em que se pode entrever a busca secreta de condutas masoquistas e o envelopamento secreto num véu esquizoide às vezes imperceptível. Há quem possa sentir-se tentado a falar de tendência à descarga; eu diria urgência de atualização, como se fosse necessário impedir a qualquer custo o acontecimento de viver sua vida dentro da psique, de examinar suas relações na conduta ou na relação com o outro, para que possam adquirir uma dimensão psíquica. Mental, talvez; psíquica, dificilmente. Porque um mental fechado em si pode ser tomado por um psíquico sempre mais ou menos preso em redes relacionais mais ou menos identificáveis. O que domina é o sentimento de fragilidade, dando a impressão de ser atravessado apenas por elãs afetivos de excitação ou movimentos de atonia. A relação é extenuante, requer uma adaptação dispendiosa, esforços sem trégua. O outro semelhante, criança ou adulto, é vampirizado sem que qualquer elemento possa fazê-lo suspeitar, por um apagamento dos indícios que poderiam indicá-lo. A relação não enriquece; ela exaure. O resultado é chegar a uma *exterioridade de si* em si mesmo, a uma objetivação do que é a fonte de toda subjetividade, para barrar qualquer enfraquecimento das formas de vida. É, portanto, a defesa contra uma regressão essencial que ameaça cair numa desorganização maior.

É justamente a ideia que se depreende na troca com alguém que parece receber apenas para despejar. Não se percebe por que nem contra quem o sujeito

luta, e espanta vê-lo tão fora do alcance da alegria de *estar com*, tão alheio ao sorriso que faz laço. Existe uma única razão para essa colagem: enfrentar. Um único perigo: o desmoronamento, sem sequer a ideia do que comportaria como ameaça; tornar-se a prótese de si mesmo, ao ponto de não mais deixar perceber algum vestígio da ferida ou, se isto for impossível, das dores que as feridas causaram. Consequência: se sou apenas o que me dá a aparência de ser, na verdade, não sou nada, não tenho nada, nada que seja realmente meu. Nada que me permita receber o que transmite a exaltação do viver com e pelo outro. Nada também de que eu possa ser despojado, impedindo-me de ser. Não ser nada para não deixar de existir.

## A unidade potencial e o outro

Como propor uma modalidade que permita uma união hipotética dessas facetas dispersas? Postularíamos um falso *self*, fazendo alusão a alguém que teria como único objetivo se opor às aspirações inaceitáveis de si e que o teria forçado a tomar em si o que pensa por si, em si? Ou falaríamos de uma vontade alheia que teria assumido o comando de si que deveria consentir em ser investido por um si, um sem si como esboço de si mesmo? Não acredito que seja assim, pois nada se delinea aqui de uma alteridade, nem mesmo vislumbrada como uma sombra. Falaremos, então, do luto interminável por um objeto perdido, ou de um luto falho no lugar do qual teriam se instalado somatizações? Ou, quem sabe, de uma colmatagem narcísica pós-traumática?

Nenhuma dessas hipóteses convence. Quaisquer que sejam as eventualidades propostas, o que falta a todas elas é o fato de sua manifestação não deixar entrever a busca de outra individualidade ausente. Estaríamos lidando mais com a ausência de uma unidade potencial daquele a quem a atividade é dirigida, sem que compreendamos bem a forma de existência resultante. E essa ausência nada mais é que a ausência do sujeito como verdadeiro polo do endereçamento da troca. O que me parece faltar, neste caso, seria a liga – ainda que ilusória – de um querer pulsional que fornecesse ao alicerce subjetivo o esboço de um caráter. Não que a atividade seja incoerente, mas porque revela a falha fundamental que lhe impede, na verdade, de assumir sua posição de pulsão. Falta-lhe o acesso a uma potencialidade que se atrele ao desejo, à referência a um outro. Assim como também não o vejo na energia ferrenha que move certas atividades marcadas pela defesa de uma razão de viver oriunda de uma obstinação a impedir um outro de ser, como se este outro só conseguisse ser à sua custa. A destrutividade só pode se concentrar numa preocupação consigo que mantenha sempre em mente a presença

do outro que constitui obstáculo à vida do sujeito, o qual nunca deve se esquecer de impedir o outro de ser. Podemos relacionar isso com o sentimento oriundo da relação terapêutica com terceiros em que o sujeito é levado a pensar que sua existência só se deve ao êxito de ter conseguido escapar das investidas de morte do outro.

Assim, a única criatividade não pode ser senão o surgimento, *ex nihilo*, de uma condição pulsional como despojada de sua história, menos deslocada que surgida de uma imensidão desértica em que se toma consciência *après coup* de um horizonte relacional não habitado. A vida adquire então, verdadeiramente, o sentido da luta por um retardamento de uma morte em curso. Com a condição de ser entrecortada por ressurreições fulgurantes, mesmo que fadadas a submergirem no fluxo de onde emergem. Falta, sobretudo, a ideia de uma continuidade que, surgida do movimento, serve para mantê-la viva. O presente é natimorto, mas não há outro tempo concebível além de um presente que nasce e morre sem sair do lugar. E o outro? Ele se volta desesperadamente para si, de onde parece nascer. Então, toda criação não passa de uma restauração que só consegue deixar o traço do vazio, desde que o vazio seja o que pode ser delimitado por uma lacuna muda.

Todo acúmulo deve terminar na autoanulação, sem que o autodesaparecimento de si, diferentemente de um moribundo, invada a cena. Assim, paradoxalmente, o estado que precede a depressão essencial não deve trair em nada a ameaça que pesa sobre o sujeito. Toda mobilização é uma tentativa de absorver o endividamento do sujeito para com um devedor inominável. Nem mesmo a incompletude dá direito à reivindicação que permitiria alcançar o acabamento. Só é incompleto aquilo que atesta uma sobrevivência interrompida. Tudo remete ao acometimento narcísico, mas este jamais permite que se manifeste o estado de um Eu sempre adiado. Toda totalidade é como uma justaposição de pluralidades que nada interliga. Objetos-apoios desvitalizados, substituíveis, mas da troca entre eles nenhuma energia se desprende. O que está vivo se esquia de uma dimensão de futuro. O que é cercado por um limite é apenas a margem de uma limitação do destrutivo, e não a demonstração de uma propensão a agir para criar aberturas de relação.

## **Descarga – Presentificação**

Faz-se, com frequência, referência à descarga, prevalecendo mais, neste caso, a necessidade de presentificação, de atualização, de obstrução contra a organização do virtual. Para alcançar isso, nada como a repetição, porque, atrás dela, a relação potencial – a simbolização, se preferirmos – esgota-se no não reconhecimento



do repetido. No entanto, por causa da, e pela repetição, não falta a reivindicação de um querer-ser que não cede em nada. O que prevalece é a desmetaforização. Porém, não é um consciente que se desdobra, mas um quase real que obstrui o campo psíquico. Aquilo que em mim não é eu não é o outro; é o que está aquém, além do que me falta.

O que pensar desse conjunto de traços que dificilmente formam um sistema? Das inúmeras observações que podem ser sugeridas neste caso, destacaremos apenas uma: tudo acontece como se estivéssemos diante de um quadro pulsional pouco ou mal elaborado, ao ponto de chegarmos a duvidar que estejamos mesmo lidando com pulsões. A orientação libidinal para o amor de objeto, o desabrochar do narcisismo, o destino para a sublimação, a imagem unificada do Eu-espelho, a capacidade de prazer oriunda das satisfações ou a função maturativa do sofrimento dão lugar a uma oscilação: desapossamento do outro, posse de si, a banalização do sofrimento se põe a serviço da recusa. No fim das contas, o conflito de ambivalência, quando tem de se expressar, dissimula-se ou anula-se, sem tomar a via do que estaria por decifrar por detrás do manifesto, e atinge seu objetivo no curto-circuito que a afecção somática supõe para o analista. Não numa oposição entre vida e morte, mas numa posição de inversão alternativa entre matar ou ser morto. É raro encontrar os traços da destrutividade em estado bruto. Tais traços lembram mais abortos dos modos das ligações psíquicas, impedidas de se estenderem, de se ramificarem, de se realizarem ou mesmo de aumentarem suas potencialidades.

Isso explica a existência de certas formas de trabalho psíquico de grande tenuidade, submetidas a variações ligadas a uma necessidade de esquivar, no momento em que estão próximas de serem percebidas, ou então de exteriorizações brutais que parecem buscar sua aniquilação, precedidas de variações reativas que parecem ter em vista o reforço da resistência a acolher o que vem afetar o Eu a partir do interior.

É espantosa a rapidez com a qual, diante de um esboço de prazer, o Eu cai no mal-estar, enquanto a angústia é substituída pela impressão desarmadora de uma impotência sem saída. O indivíduo calcula o tempo todo: faz o inventário de suas reservas defensivas, recolhe os pedaços dispersos de um Eu que está ameaçado de fragmentação, recorre a objetos-próteses que o ajudem a se manter de pé.

As trocas não são transformacionais, uma vez que seu objetivo último é a repulsão da capacidade de interrogação pulsional pelo represamento ou pela anestesia de investimento dos novos objetos. O objeto, aliás, tem um *status* extremamente indefinível. Não se parece com o que se descreve como objeto primitivo, arcaico ou evoluído, muito menos com um objeto transicional; parece mais um objeto de empréstimo, do qual são extraídos índices abusivos de

remuneração, a serviço do pragmático sempre mobilizado em função da ameaça de fratura, de perda, de deterioração invalidante que pode pesar sobre ele. Isso talvez esclareça a impossibilidade de assumir o risco de um uso acumulativo. Também não é possível assumir o risco de ausentar-se de si sem ser captado pela história analógica de um outro que conduz, ladeira abaixo, para uma catástrofe imprevisível e irremediável.

Extremamente diferente, o objeto faz correr um perigo de estranheza. Por outro lado, a semelhança rouba a identidade; a diferença é ameaça do perigo de nos empurrar para dentro de um fosso sem fundo. Haja concordância parcial ou global sobre a constância ou a fiabilidade dos elementos do perfil clínico esboçado, ou o desejo de invalidar alguns desses elementos ou de completar esse esboço pela detecção de ameaças despercebidas, nós continuamos longe do objetivo implícito que estabelecemos: identificar a forma das organizações psíquicas propícias à sobrevivência das manifestações que governam os quadros de desorganizações maiores descritos por Pierre Marty.

Nossos esforços estão longe de chegar a uma clínica diferencial entre o que compreendemos sobre as formas ditas bem mentalizadas e aquelas às quais faltariam essas diferenciações da vida psíquica. Na busca de invariantes desse tipo, consegui menos ter uma ideia clara do que encontrar o meu questionamento em outros autores, de modo que a confirmação das características de sua presença não permite concluir quanto à previsibilidade de grandes desordens que acompanham sua ocorrência, a não ser quanto a alguns traços gerais, como o papel da irregularidade do pré-consciente, que, há de se convir, não é suficiente.

## **Revisão do conceito de pulsão**

Eu gostaria de abordar esta questão por outro viés. E se nossos esforços para depreender qual seria a forma de vida psíquica potencialmente produtora de descompensação somática fossem barrados por serem falhas nossas descrições sobre os modelos de base da vida mental? Na França, a tradição amplamente compartilhada – com algumas exceções – é ter a vida pulsional como fundamento, as propostas alternativas revelando-se ainda menos capazes de abordar o problema que consideramos. Penso que uma abordagem genética não é suficiente para responder às nossas expectativas. Tampouco o que é acessível dos mecanismos somáticos mais bem definidos que explicam o psiquismo.

Tentarei então contrapor uma perspectiva cujo dinamismo se alicerça no que eu designei por *trabalho do negativo* e suas vicissitudes. Sem dizer nada

sobre os amálgamas conceituais calcados nos modos de atividade psicológica, tais como os esquemas de ação ou fantasias de ação. Todos eles levam a hipóteses que considero mais compatíveis com o pensamento psicológico do que com a metapsicologia psicanalítica. Devo confessar que a hipótese de uma linhagem identitária extrapulsional também não me convém, pois, para mim, nenhum dos fundamentos da vida primordial poderia escapar da pulsão, de suas formas originárias nem de seus destinos.

Alguém se recusará a me seguir nesta ortodoxia? *Ortodoxia*: nenhum termo seria mais inapropriado no momento em que me preparo para propor outra concepção da vida pulsional. Será também para me desviar de qualquer ideia de ortodoxia que não *me* autorizarei a recorrer sem mediação à última teoria das pulsões, que introduz de saída a destrutividade como parte intrínseca das instâncias psíquicas mais basais.

No colóquio de Cerisy (cf. Richard & Urribarri, 2005), que reuniu alguns amigos para um confronto de suas ideias com algumas das minhas que lhes haviam inspirado, apareceu, em diversas contribuições (sinal de que não se trata de um capricho individual nem de um acaso de encontro), a ideia de que éramos cada vez mais levados a conceber a atividade pulsional como uma forma já organizada do psiquismo, impondo-nos o dever de romper com uma elementaridade de partida, ou um não sentido primordial a partir do qual o sentido nasceria *ex nihilo*. Sara Botella, Marília Aisenstein, Patrick Miller e, creio eu, Claude Smadja, entre outros, compartilharam desse ponto de vista, e Brusset (2006) o citou novamente em seu relatório para o Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa. Dreyfus-Asséo e Bernard Chervet assumiram recentemente, se entendi bem, uma orientação que segue na mesma linha. Considero esta revisão necessária. Freud expressou a ideia de um conceito limítrofe que fazia alusão a isso, desde sua criação, pela menção à existência do trabalho imposto ao psiquismo devido à sua relação com o corporal. Paralelamente a essa ideia de um vaivém entre o corporal e o psíquico e da demanda cada vez maior dirigida a um psiquismo que tem de traduzir as exigências do corporal numa língua compreensível para o psiquismo, deve-se admitir que não se trata de uma língua, propriamente falando, nem de um código, mas de uma matéria conversível que se mantém presa a um sistema de forças, de movimentos afetivos em busca de objeto.

Se nós buscamos formulações alternativas ao conceito de pulsão, a ideia de partida de quantidade móvel se impõe ainda mais no caso das formas psicossomáticas. Deve, pois, ser mantida. Mas o conceito de pulsão tal qual pode ser extraído das neuroses mentalizadas precisa completar a formulação *quantidade móvel*, em direção ao que deve se tornar a representação de objeto, por outra via

que não seja o simples destino das pulsões. Faltava às definições de Freud que a quantidade móvel buscasse sua via, seu traçado em direção ao objeto, elaborando os traços a partir dos restos perceptivos em vias de transformação para alcançar o *status* da representação. Em suma, uma pulsão em busca de si mesma, como expressão do descentramento de si que persegue o que pode lhe dar agora o sentimento de uma coincidência consigo no encontro. Em outras palavras, sem sujeito prévio, somente *après coup*. Assim, o que queremos afirmar é a solidariedade da quantidade móvel, que tem como ponto de partida o corpo, seguindo as vias da impressão deixada pelo objeto em direção à construção de seu traço, que, por sua vez, deve realizar sua transformação em representação – fora da esfera do significante. Ou seja, o que se dará como representação de objeto só é perceptível aqui sob a forma exterior à pulsão, que será apreendida em seu encontro com o objeto e em seu encontro com a quantidade móvel, conferindo-lhe um sentido. Faz muito tempo que defendo esta abordagem, pelo menos desde 1967, sem ter conseguido tirar conclusões para a psicossomática.

A partir de um exame aclarado pelo uso, concebe-se agora a abstração pulsional pelos traços que marcam seu modo de atividade, até então insuficientemente caracterizado pela pressão, ou mesmo pela repetição que sinaliza o obstáculo, ou pela busca de prazer, uma vez que, desde 1920, Freud modifica sua concepção em proveito de uma referência a refletir: a tendência *a restabelecer um estado anterior, não limitado pelo prazer*. O restabelecimento de um estado anterior é um elemento adverso de uma tendência oposta à pulsão, aquela que a orienta para torná-la compatível com a transformação buscada pelo Eu. Creio que foi essa pressão a adotar outras formas de expressão que Claude Smadja quis explicar, com razão, ao examinar o conceito de representação. Sua ênfase, referindo-se aos meus próprios trabalhos, no valor do representante psíquico demonstra o seu desafio: atrelar a moção a uma representação do corpo que não deve mais nada à concepção da representação baseada no modelo imagem-objeto. Sob que forma a exigência de trabalho imposta ao psiquismo devido a sua ligação com o corporal pode se apresentar? Não há nada de *imaginário* que não ocorra numa elaboração secundária baseada primeiramente no afeto como modalidade original daquilo que o corpo faz viver, podendo encontrar um objeto que pareça lhe corresponder sob uma forma de apelo, exigência que vai do solipsismo mais acentuado até o que Catherine Parat (2013) chamou apropriadamente de *afeto compartilhado*, forma suprema da realização pulsional. Diremos que o objeto se forma como promoção de resto perceptivo no encontro com o movimento que o convoca e que constitui seu valor pulsional por referência a uma quantidade móvel para... *um outro*.

Já afirmamos que, se a obra de Freud privilegia a representação até 1920,

é o afeto que passa em primeira posição posteriormente. Ele pode completar sua representância por meio de produções que *esquecem* suas origens perceptivas para assumir a aparência de uma expressão de *retorno* do que já foi sentido. É possível imaginar outra via além daquela do percebido para dar origem a uma fantasia corporal?

O que deve, então, ser acrescentado à pulsão para torná-la utilizável? Em primeiro lugar, notemos que sua tendência natural a se transferir acompanha a obrigação de se transformar, o que põe em jogo a nossa capacidade de detectá-la detrás daquilo que tenta lhe assegurar um *status* de passageiro clandestino. Dessa dupla aventura decorre a propriedade fundamental de sua compulsão a representar – isto é, a se desvelar ao mesmo tempo que se dissimula – e, conseqüentemente, a compulsão a associar, cuja falha sempre sinaliza uma incapacidade de incluir e de conter. Mas sua tendência a se repetir também implica aquela de se estender, incluindo cada vez mais componentes pertencentes ao objeto, para alcançar o seu nível de constituição compósita, como elemento fundamental da psique.

Outra observação. Estamos acostumados a criar uma distinção artificial, para usos propedêuticos discutíveis, entre a pulsão e a defesa. Ora, a evolução do pensamento freudiano obriga cada vez mais a considerá-las indissociáveis.

Em nota de 16 de junho de 1938, Freud escreve:

É interessante que, em conexão com experiências primitivas, quando contrastadas com experiências posteriores, *todas as variadas reações a elas sobrevivem, naturalmente inclusive as contraditórias*. Em vez de uma decisão, que teria sido o desfecho mais tarde. Explicação: fraqueza do poder de síntese, retenção da característica dos processos primários (p. 189-190, grifos meus).

Eu acrescento: não há pulsões pensáveis fora de suas relações com suas defesas. Espero que tenham me compreendido: não sou a favor do retorno à síntese no pensamento teórico, mas a favor do retorno a uma observação que nos faz compreender que o analista que trabalha com uma abordagem cujo inconveniente é partir da busca de formas separadas corre o risco de empobrecer o pensamento das relações que lhe antecederam. Certamente, é preciso distinguir a pulsão e o recalque, mas também é preciso tomar cuidado para não menosprezar a natureza de suas relações, que deve ser observada a partir do momento em que se pretende devolver-lhes o cunho de duas faces, em particular nas relações psique/soma.

Integrar o recalque em nossa maneira de conceber a pulsão é indicar o que nela requer se afastar de seu estado primitivo. Recorre-se muito, desde Marty, à

importância da intensidade das excitações e do quantitativo. O que eu gostaria de ver constar aí é a maneira pela qual a defesa contribui para a relação transformacional sem se contentar em opor obstáculo. E ainda as transformações que obrigaram a categoria geral do defensivo a se diversificar nas formas do trabalho do negativo. Não acredito também, como está em voga pensar, que a elaboração psíquica possa usar exclusivamente a via de uma transmissão materna: a *capacidade de rêverie*, de Bion (1962), que conduz a uma função alfa identificatória enxertada; os significantes maternos enigmáticos, de Laplanche; a função do Outro lacaniano; sem falar da miserável intersubjetividade. Essa significância precisa ainda transitar pela organização subjetiva daquele que ela afeta, habita, imobiliza.

### **Exposição da hipótese *princeps***

Exponho então minha hipótese *princeps*.

O que caracterizaria o destino de uma forma de organização pulsional aplicável à psicossomática seria a ruptura precoce da ligação da pulsão (no sentido tradicional) com o futuro objeto, a dessolidarização do componente energético pulsional do objeto que ela visa e que fica então à deriva, sem encontrar destinatário, sendo, portanto, privada da capacidade de ter seu fundamento modificado pela resposta que vem dele.

Em suma, essa fonte falha não pode dar ao narcisismo a ocasião de se prover para efetuar sua transformação em objetividade. Ou seja, podemos dizer que é como se a função objetualizante estivesse bloqueada em sua potencialidade evolutiva, por falta de outro que seja pensável. Nas psicoses, essa dissociação não acontece, e a regressão afeta o conjunto pulsão/objeto fixado a realizações ditas arcaicas, em que o objeto permanece marcado pela regressão narcísica. Além disso, esse objeto não recebe uma autonomia suficiente para sentir um alívio projetivo que possa livrá-lo dignamente de uma destrutividade progressivamente invasiva, de dois gumes.

Para aclarar as coisas, correndo o risco de simplificação, eu diria que tal objeto é unicamente funcional para as manipulações do sujeito e catalítico: sua presença é necessária às reações, mas ele não participa delas. Ele é indutor, mas não desejante, não tem querer próprio. Não serve para fins de confusão sujeito/objeto, como na psicose. Alguma coisa nele, que permanece separada da pulsão, parece se desenvolver por conta própria – o que não passa de uma ilusão, pois acabamos de ver que a ligação pulsão/objeto é necessária a qualquer desenvolvimento da pulsão. Em suma, diríamos que ele talvez seja fonte de uma mobilidade que não

traduz uma intenção reflexiva, mas a estimulação do polo transformacional da subjetividade, sem relação reflexiva com um objeto.

Faz parte das potencialidades do recalque gerar um uso possível que contorne o próprio recalque: a sublimação, cujos mistérios estão longe de ser decifrados. Freud já havia assinalado que a manifestação do inconsciente podia ser deduzida de circunstâncias em que ele é ativado. Mais tarde, quando o inconsciente cede lugar às moções pulsionais do id, o comentário mantém todo o seu valor. Os processos primários pelos quais se traduziam as expressões do inconsciente sofreriam uma modificação, afetando sua relação em sua tradução em agir, devido à mudança de referência. Não é fácil imaginar isso, uma vez que a própria pulsão não advém. O psiquismo não está mais lidando com derivados da excitação, o que explica a referência frequente, hoje, à noção de apresentação, que recua os limites da representação, e aos procedimentos autocalmantes. A apresentação seria a modalidade afetiva de uma relação a imaginar entre moção e afeto, não pertencente ao modelo, imagem/objeto, da representação? Essa figura que tenta se inserir numa conjunção que remete ao corpo merece reflexão, na medida em que não é fácil conceber seu destino.

O que corre o risco de escapar nessa implicação junto às origens do psiquismo e da corporeidade? Vemo-nos aqui forçados a admitir que esse corpo não é o soma, mas um corporal subjetivo do qual teríamos a grande tentação de prescindir, ao qual falta o que virá a ser a referência à subjetividade. Ora, justamente, o exemplo da psicossomática nos mostra que o corpo do qual ela fala não pode ser englobado nesse quadro da incorporação psíquica. O que fazer: voltar ao soma? Toda a psicossomática afundaria nele. No entanto, se lembrarmos que a pulsão é exigência de trabalho imposto ao psíquico devido à sua ligação com o corporal, resta-nos então a possibilidade de identificar na textura da moção a ideia de uma subjetividade sem sujeito, ou da qual o sujeito será a figura de emergência, ocupando o lugar de um sujeito faltante, mas sem se confundir com o soma.

Isso nos permite pensar que, no plano da análise dos estados não mentalizados, o que ocupa o lugar do que transparece em segundo plano nas neuroses bem mentalizadas é uma vida pseudopulsional. É uma forma embrionária de intencionalidade não psíquica que toma a aparência de pulsão. Assim, eis a ideia que faço dessa forma de vida psíquica: a quase identidade da intencionalidade psicossomática com o parentesco pulsional, chegando a imitar seus aspectos mais conhecidos, apesar de uma falha, a vinculação da manifestação a outra subjetividade fora de si que permite conceber o que se denominará a vida mental em sua fundação elementar, mesmo fora de qualquer perspectiva relacional identificável.

O que caracteriza a vida pulsional é o fato de que, paralelamente à sua



reivindicação à satisfação, ela não se manifesta sem inquietar quem ela habita. Porque seu caminho é subterrâneo e, além da impossibilidade de garantir o controle deste, ela é fonte de temor por ser inconsciente, intempestiva, incontrolável; é fonte de angústia, sinal infalível de sua qualidade pulsional; faz pesar a ameaça de uma perda de controle do Eu e gera efeitos/afetos que vivem uma vida que foge a qualquer domínio. Esta é a subjetividade elementar de onde surgem as sublimações mais imprevisíveis. Creio ter observado que essa inquietude diante dessa vida que quer ser independente é exatamente o que faltava aos sintomas mais paralisantes da patologia psicossomática.

O que é essa excitação que abalaria o psiquismo sem ser confundida com a pressão que traduz a reivindicação de uma satisfação, mas se mantém nos limites de um movimento que é supostamente o indício de sua potencialidade de inversão subjetiva? É comum invocar um estado de excitação não ligável nem integrável a um investimento, constituindo o fundo psíquico que exigirá o retorno à serenidade (psíquica), cujo preço a pagar será, por exemplo, a desorganização essencial. Insiste-se também, por outro lado, nos patamares regressivos que acompanham essa desorganização narcísica e depois objetal.

Ouvi mais de uma vez relacionarem a autodestruição freudiana, a desorganização de Marty e a desobjetalização greeniana. Isso me leva a explicar como vejo essa relação. Sabemos que a autodestruição freudiana nasceu em razão dos efeitos da recusa ou da impossibilidade de deixar o campo livre para a exigência libidinal erótica, cujos efeitos aprendemos a identificar no vasto conjunto teórico em que já a encontramos e onde a criação da pulsão de morte lhe atribui figuras derivativas: a consciência de culpa, o masoquismo e a reação terapêutica negativa. Esses três estados têm em comum o fato de serem efeitos de impedimento da vida pulsional erótica. Eles implicam que ela sofra o golpe de uma desaprovação que visa a interromper a perseguição da aspiração que a move, uma inversão das referências ao prazer, em favor de outro primado a satisfazer, o da dor, que se deve a uma punição por sua transgressão de interditos ou então a uma inversão das metas dos princípios do funcionamento mental, os quais evoluem, após uma fase de melhora, para mais sofrimento e menos prazer ou saúde. Posteriormente, essas três saídas são os primeiros sinais da intervenção da pulsão de morte e o prelúdio de devastações maiores, portadoras da obstinação autodestrutiva. Mas aqui a pulsão de morte é como que contida pela dessubjetivação prévia.

Freud lhe dá uma nova aplicação: tendência da pulsão a restabelecer um estado anterior. Na verdade, é preciso ainda que haja uma desdiferenciação não apenas em relação ao prazer, mas também quanto à minha hipótese de que a evolução da atividade pulsional em direção à transformação das funções em objeto



poderia sofrer uma mudança que não liga mais o objeto a suas qualidades primárias (objeto da pulsão), mas como *destino* pulsional, cujas transformações evolutivas terão por meta não só transformar o patrimônio pulsional – pelas sublimações, por exemplo –, mas também realizar uma mutação definitiva que esclerosaria as diversas posses do Eu pelo fracasso do processo que lhes possibilitaria o acesso a um *status* objetal independente.

## Função objetalizante e desobjetalizante

A ideia de base é o fato de que nosso Eu não pode viver sem troca com objetos. Esta hipótese seria preferível àquela das relações de objeto, segundo a qual os objetos existem desde o início e sem objeto não há salvação. Aqui, ao contrário, o objeto está no término de um percurso que não só transforma os objetos que existem como tais, mas também acrescenta a ele o produto de uma evolução criadora de objetos que se somam aos anteriores. Esta evolução é o produto da faculdade interpeladora da subjetividade, que se inverte na desobjetalização. No entanto, a condição é que seja reconhecida a ligação pulsão/objeto, mesmo que este não seja conhecido como tal. Em contrapartida, quando as condições não lhe favorecem, essa objetalização cede lugar ao apagamento progressivo do objeto e tira proveito das formas de fragilização que as primeiras tentativas de dissociação representam, como que para protestar contra sua inadequação.

Desobjetalar é proceder a uma ação que faz com que a evolução pulsional perca aquilo que nela é capaz de tratar as propriedades mais singularizantes dos objetos. Podemos estabelecer um paralelo com a hipótese levantada por Freud em *Além do princípio de prazer*, na qual ele atribui à pulsão de morte o papel de ser a primeira pulsão que visa a destruir (e até mesmo a expulsar para fora da psique) os primeiros investimentos (narcísicos); a reação pulsional/contrapulsional que visa a se opor a eles apoiando-se, de certa maneira, no aporte dos investimentos de objeto por vir, que permitirão neutralizar os efeitos de uma recusa das tensões oriundas de uma complexidade maior.

Tudo isso me conforta na ideia de um narcisismo primário positivo, acompanhado de seu complemento de narcisismo negativo, destrutivo. A via seguida pelas desorganizações psicossomáticas estaria relacionada com a insuficiência da resistência oposta pelo narcisismo, o que significa, para mim, a perda da dimensão subjetivante da atividade pulsional. Perda que se traduz na ausência, quando se examinam os investimentos nos casos psicossomáticos, dessa apropriação da pulsão que inquieta, que tenta se aproximar da meta, que faz

temer o perigo de desorganização do Eu, que bate em retirada e que pode terminar numa recusa que, de certa forma, coloca o processo psíquico fora de si. Assim, a ameaça de morte é conjurada pela ausência de qualquer sinal de advertência de uma destrutividade em curso.

Assiste-se a uma autodestrutividade do Eu que exige, para enfrentá-la, que o narcisismo seja alertado – na psicossomática, isso é geralmente curto-circuitado pela recusa –, pois a unidade aparente do soma, fora dos episódios abertos de doença, dá a ilusão do restabelecimento de um psiquismo espectador de outrem, que aparentemente sobrevive sem sequelas às perdas, aos lutos, às feridas narcísicas que trazem problemas mais delicados. Na verdade, a clínica moderna atribui ao luto o papel desorganizador do Eu, tão essencial quanto a problemática da castração diante das vicissitudes da vida pulsional. Surgem então – coisa totalmente nova – a função positiva da reparação, em Melanie Klein, ou a capacidade de solicitude, em Winnicott. Deixo de lado as distinções entre melancolia e luto, luto e capacidade de solicitude. É impossível considerar, como bem percebeu Freud, o luto independentemente de seus dois parâmetros: o primeiro é a consideração dos efeitos da destrutividade e o segundo é a dimensão diretamente envolvida na restauração do objeto, que exige um sacrifício do Eu, comprometendo sua própria integridade.

Em suma, a dimensão de alteridade leva necessariamente à sua ligação consubstancial ao Eu, bem como à necessidade de silenciar a satisfação agressiva. Lembro que foi nesse ponto que Freud inventou a renúncia pulsional, conceito um tanto perturbador para nós, supostos defensores da força das fixações e das regressões na vida psíquica.

## **O outro e a marca impressa da subjetivação**

Uma tendência a evitar a dificuldade consiste em remeter ao Outro a criação da subjetividade. Não é o que encontramos na relação de objeto, cara a Melanie Klein e aos kleinianos? Não é por esse caminho que Bion nos leva quando atribui a origem da função alfa à capacidade de *rêverie* da mãe assim transmitida ao sujeito? E Winnicott se distancia fundamentalmente dessa ideia quando atribui ao ambiente o que permitirá que a individuação realize a separação? Desejo considerar, em todos os casos, o que designo por *marca impressa da subjetivação*, pela manutenção da finalidade de apropriação que marca indiretamente a existência da alteridade.

Todas as novas orientações diretrizes recusam a referência à elaboração de um sujeito nascido de sua própria atividade pulsional originária. Que o Outro

atraia os investimentos, que o seu valor seja medido pela sua perda, tudo bem, mas é necessário se reportar mais a uma dialética das modulações perda/conservação do que assumir o traumatismo da perda/separação como uma origem.

Em 1920, Freud propôs considerar juntas as pulsões de vida ou de amor e as pulsões de destruição ou de morte. Os psicanalistas de sua época e de uma época posterior foram muito reticentes em segui-lo. Hoje, no entanto, alguns, entre os quais eu me incluo, pensam que nenhum progresso é possível sem aceitar essa hipótese de uma destrutividade primordial, aliada e antagonista às formas de organização da vida.

Depois de Freud, foi dada muita atenção ao relacional, mas não se poderia criticar ninguém por isso, a não ser pelo fato de que não se pode confiar muito no observável, porque o observável oculta justamente aquilo que ele engendra e que se furta à observação, embora se imponha como um incessante objeto de especulação para não cair nas armadilhas de um realismo sempre pronto a reconquistar o terreno perdido. Temos muita dificuldade de nos separarmos de nossos modos de pensamento consciente. De fato, o que o relacional nos esconde são justamente os efeitos discretos que produz sobre as formas estruturais, cujo desenvolvimento trará à tona situações que somos incapazes de conceber pela mente. Dentre elas, encontram-se, em primeiro plano, estados de intolerância, de recusa, de oposição radical, de negatividade mortífera, que sufocam as possibilidades de realização da vida. Devemos perder tempo procurando os responsáveis e continuando a recuar diante da imaginação teórica que nos força a nos violentarmos para abandonar nossos hábitos de pensamento? Quem não sabe, hoje, que cada um faz o que pode porque ele mesmo é o produto de uma causalidade complexa, emaranhada, comportando retroações de acordo com determinismos obscuros, deixando-se mais entrever que conceber, exigindo de nós uma imagem dinâmica tão móvel e inconstante que somos obrigados a parar um momento para captar dela apenas uma singularidade artificial e efêmera?

Hoje, ideias novas, graças a J.-C. Ameisen, obrigam-nos – depois de Freud – a pensar a destruição num entrelaçamento de seus efeitos com a construção, como uma dupla espiral. A não mais conceber a vida e a morte somente como opostos, mas também como cúmplices, em que a própria vida não poderia se desenrolar sem a ação necessariamente complementar da morte, não para que possamos justificar a vida, mas para compreendermos que ela é inconcebível isoladamente e para que nos convençamos a deixar de carregá-la com uma visão finalista em prol do bem geral. Essa situação comporta certamente um desafio aberto, que exige de nós uma aposta da qual ninguém poderia nos dispensar e da qual o pior meio de fugir seria nos cegarmos na recusa de perceber a luta travada sob os nossos olhos. É isso que

a clínica tenta nos mostrar, pedindo que reconheçamos a face do nosso inimigo para identificarmos melhor as devastações que ele pode provocar em nós, mas permitindo também que experimentemos sua natureza a fim de sabermos como responder. E, para isso, precisamos olhar, mais uma vez, para aquilo que nos aparece como uma lição da vida a ser captada no real que nos é oferecido.

O luto não é uma referência suficiente em si, se o imaginarmos como uma crise resolutive do que se contenta em viver. A fecundidade do luto exige que se possam pensar a contradição dos efeitos ambíguos da perda – os gregos temiam que as expressões de dor pudessem ser confundidas com as de alegria – e também a divisão entre a celebração da perda e o dever de esquecê-la. Solidariedade entre a elegia e o discurso que a tragédia soube realizar. Obrigação do consentimento ao esquecimento, que só é aceitável quando tiver sido pago um justo tributo ao objeto da perda.

## **As exigências da solução do luto e o enfrentamento do horror: Goya e as Pinturas negras**

Para terminar, um caso apologético: o de Francisco Goya. É impossível abraçar em um único olhar a atividade deste artista de genialidade tão diversa: autor de cartões de tapeçaria, pintor dos costumes de seu tempo, grande retratista da corte e dos poderosos de sua época, admirável evocador da beleza feminina e grande visionário de uma obra sarcástica. Eu gostaria de abordar um único ponto: a sua relação com as *Pinturas negras*, verdadeira guinada tanto na vida como no destino do artista.

Goya sofreu várias crises em sua vida, algumas delas somáticas, das quais comentaremos apenas duas. Seu adoecimento durante o inverno de 1792 desencadeou a surdez que o deixou enfermo até o fim de seus dias – surdez pela qual se sentiu responsável. Temia, além disso, ficar cego, ou seja, ser obrigado a parar de pintar. Apesar de tudo, levou uma vida bastante alegre, cheia de amizades. Um quadro extraordinário de 1820, pintado à mesma época em que executou as *Pinturas negras*, evoca a segunda crise somática que quase o matou: *Autorretrato com o doutor Arrieta*. Esta cena impressionante retrata um novo episódio de doença, ocorrido em 1819, e nos toma como testemunhas de um Goya visivelmente moribundo (o doente apresenta um sintoma de extrema gravidade, a carfologia, em que as mãos agarram ou afastam as roupas de cama). Nessa cena de quase agonia, Goya retrata dois personagens, seu salvador e ele mesmo: o médico em recuo, atrás, abraçando o paciente e dando-lhe um remédio, uma bebida que o paciente

parece pouco disposto a engolir. A maioria dos intérpretes desse quadro atribui ao doutor Arrieta uma atitude de compaixão, análise que compartilho com dificuldade. Nessa cena, o médico não está olhando para o moribundo, seu olhar está voltado para dentro de si, como se fugisse das visões da morte que tomam conta de seu paciente. No último plano da pintura, algumas figuras misteriosas e inquietantes. Fred Licht (2001) escreve: “O *Autorretrato* talvez seja um ex-voto destinado a testemunhar o milagre de uma afecção, a única capaz de vencer o pecado mortal da acédia” (p. 209)<sup>7</sup>. Isso não seria cristianizar a cena, em que Licht não deixa de observar que o paciente parece querer evitar beber a taça, consentindo a contragosto em obedecer ao seu médico?

Esse quadro autobiográfico lembra outra obra pintada quatro anos antes de sua doença, em 1788: *São Francisco de Borja no leito de morte de um impenitente*<sup>8</sup>. Se podemos identificar Goya no quadro de 1820, é justamente com o moribundo impenitente. Aterrorizado pela proximidade da morte, o padre, que desvia o olhar daquele que está prestes a morrer, estende um crucifixo emissor de raios divinos, enquanto se juntam ao redor de sua presa criaturas satânicas que esperam o momento de se apossarem de sua alma. Aparecem ali, pela primeira vez, os monstros que Goya gravará e pintará obcecadamente. Apesar da impressionante agonia do moribundo, o que aumenta ainda mais nosso pavor é principalmente a impotência aterrorizada do seu pretense salvador. No *Autorretrato*, a interpretação de um triunfo da compaixão do qual Yves Bonnefoy (2006) gostaria de nos convencer deixa-nos céticos. Espanta-me a solidão extrema do moribundo e o desvio discreto do olhar do médico, que, mesmo desejando amparar o paciente, abandona-o, na verdade, às angústias internas que o invadem.

É essa solidão absoluta que vejo como latência do tempo anunciador do extraordinário *Saturno*, que reina entre as *Pinturas negras* realizadas por Goya para colocar isso em evidência. Visão horrível, embora cheia de ressonâncias, à qual Malraux (1950) confere um valor emblemático. Da mesma maneira que o doutor Arrieta envolve Goya com seus braços, Saturno agarra os seus filhos, não para administrar-lhes um remédio, mas para devorá-los com uma voracidade feroz, indiferente ao que lhes está infligindo. Diferentemente de Bonnefoy (2006), que quer que sonhemos juntos com a fantasia que inspira o quadro, não direi que Goya “se identificou com a presa que vê surgir à sua frente o predador” (p. 87), mas que as visões desse terror lancinante o fazem encontrar sua própria figura nos traços do predador.

As *Pinturas negras* da Quinta del Sordo – nome predestinado –, onde Goya se

<sup>7</sup> Licht (2001) analisa demoradamente o *Autoportrait*.

<sup>8</sup> *Saint François Borgia et le moribond impénitent*, reprodução em Bonnefoy (2006, p. 39).

isolou e se trancou durante um longo período, subtraindo-se ao olhar dos visitantes, causam-nos perplexidade. Nada do que Goya nos dá a ver é totalmente novo para ele. As séries *Caprichos*, *Os desastres da guerra* e *Disparates* haviam descrito os horrores da condição humana, mas convém ressaltar que essas obras, nas quais o sarcasmo é gerador de uma ironia perturbadora e o absurdo e o pessimismo se dão as mãos, terão uma publicação muito limitada, para não dizer nenhuma (Licht, 2001)<sup>9</sup>. Porém, o que dá às *Pinturas negras* o tom melancólico e aterrorizante em sua força de convicção é o fato de serem produtos fabricados pelo sono da razão na antessala da morte.

Fred Licht vê nelas o produto de um trabalho em que Goya decide pintar somente para ele mesmo. Licht observa: “No entanto, nunca antes nem depois foi pintado um ciclo inteiro de obras relevantes e ambiciosas para permanecer confidencial”<sup>10</sup>. Fruto de experiências nas fronteiras da morte, esse ciclo traz as marcas da destruição: “Pois é na natureza paralisante e destrutiva das *Pinturas negras* que reside o seu verdadeiro veneno” (p. 207).

As *Pinturas negras* são a encenação do teatro interno que se apoderou da alma de Goya e cujo cenário ele pintou no *Autorretrato com o doutor Arrieta*. Aquelas retratam o interior, este, o exterior. Separadas, essas obras são enigmáticas e incompreensíveis. Reunidas, refletem uma única realidade visível ou que se furta ao olhar, preparando-se para fazer o enfermo transitar do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, onde já está prestes a habitar.

Figuras demoníacas (*Visão fantástica ou Asmodea*) ou simbólicas do destino (*As parcas*), cenas de desvario popular (*A romaria de Santo Isidro*, *O enterro da sardinha*), perseguição por feiticeiras (*Bruxas Sabá ou El Aquelarre*, *O voo das bruxas*), destruição mútua (*Duelo a bordo* ou *A rixa*, *O pátio dos loucos*) atacam a razão. Goya não é mais o mesmo. Até então, combatia os monstros ferrenhamente, zombando do medo ou do horror que eles nos inspiram. Já as *Pinturas negras* são realizadas como suspensas no ar, como se um novo poder as habitasse, tornando-as visões do além, isoladas da terra, quando Goya as organiza em afrescos. Compreendemos então o que Don Arrieta e provavelmente São Francisco de Borja evitavam: a contaminação por visões habitadas por outra vida, à beira da morte, que defendiam sua própria realidade, suspensas entre o céu e a terra. Goya, homem de razão, era inimigo das superstições e dos medos imaginários que o povo possuía. Mas eis que foi vencido por eles, quando antes os desafiava.

Vamos ao fato: Goya, ameaçado pela morte, decide enclausurar-se com essas

---

<sup>9</sup> Em 1799, na publicação de *Caprichos*, 27 exemplares foram vendidos em dois dias. Goya anuncia que os está retirando de venda. Fred Licht, *op. cit.*, p. 349.

<sup>10</sup> Licht: “O fato de que Goya tenha recorrido ao afresco e não ao óleo sobre tela tradicional prova que não esperava que suas pinturas pudessem ser mostradas” (*Op. cit.*, p. 204).

figuras e viver com a mulher amada e com o filho que esta lhe deu como seus únicos espectadores. Brincava com isso, ironizando até então e atribuindo-lhes lendas que as desafiavam. Mas, desta vez, elas ressurgem nas cercanias das portas da morte, e Goya, depois de ter sido invadido pelo desespero que elas expressam, precisa escolher: segui-las e entregar-se à sua própria morte ou dar-lhes as costas, retornar à vida e pintar para compartilhar seu horror? Para mim, é o segundo motivo que repele a depressão essencial. Retornar para testemunhar que o Sabá não passa de uma fantasia; que nossa razão é ameaçada pelo bode, pelas velhas e pelo vazio que fincaram raízes em nosso mundo interno.

Licht (2001) não deixa de fazer referência à psicologia clínica nem à psiquiatria. “Vasto campo aberto à psicanálise”, diz Durliat (1996). Não há um único que não recorra aos nossos serviços, até mesmo Yves Bonnefoy (2006) reflete isso. Mas logo concluem que esses horrores da mente, mais além do inconsciente, apenas manifestam processos cerebrais que ultrapassam o alcance da psicanálise.

Era preciso escolher entre a morte e seus horrores ou a vida. Goya fecha sua casa, dá a chave aos seus descendentes e vai embora para a França – para Bordeaux –, onde seu gosto pela violência bestial o segue (*Os touros de Bordeaux*), mas onde morre logo depois. Antes disso, pintou, para encerrar, *A leiteira de Bordeaux*, em que a obsessão pelo viático da salvação ainda se manifesta<sup>11</sup>. □

## Abstract

### Destructive drives and somatic illnesses

The author first examines the ambiguity in the concepts of Pierre Marty (regression, disorganisation). He considers the need to revise the concept of the drive which as it now stands, does not account well enough for disorganisations in psychosomatics. He proposes the hypothesis of an early dissociation between the drive and the object in psychosomatic structures. He concludes using the example of Goya who suffered from somatic crises which almost killed him, afterwards leading him to produce the *Black paintings*.

Keywords: Regression; Disorganisation; Drive; Object; Goya; Black paintings

<sup>11</sup> Um traço mal apagado, que acompanha o seu quadro do período final, Na comédia, representa uma silhueta bebendo em uma vasilha.



## Resumen

### **Pulsiones de destrucción y enfermedades somáticas**

El autor destaca en primer lugar la ambigüedad de los conceptos de Pierre Marty (regresión, desorganización) y contempla la necesidad de revisar el concepto de pulsión que, tal cual, no refleja las desorganizaciones de la psicósomática. Propone la hipótesis de una disociación precoz entre la pulsión y el objeto en las estructuras psicósomáticas. Concluye con el ejemplo de Goya y las crisis de somatización que le llevaron al borde de la muerte y desembocaron en la producción de las *Pinturas negras*.

Palabras clave: Regresión; Desorganización; Pulsión; Objeto; Goya; Pinturas negras

## Referências

- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*, traduction littérale « apprendre de l'expérience », *Aux sources de l'expérience*, trad. Paris : PUF, 1979.
- Bonnefoy, Y. (2006). *Goya, les peintures noires*. Paris : William Blake & Co éditeurs.
- Brusset, B. (2006). Métapsychologie des liens et troisième topique. *Revue française de psychanalyse*, 70(5).
- Durliat, M. (1996). *Goya*. Paris : Encyclopaedia Universalis, tome X.
- Freud, S. (1899-1900). L'Interprétation des rêves. In *Œuvres complètes – psychanalyse*. Vol. IV. Paris : Puf, 1967.
- Freud, S. (1920). *Au-delà du principe de plaisir*. Paris : Puf.
- Freud, S. (1938). Résultats, idées, problèmes. In *Résultats, idées, problèmes II*. Paris : Puf, 1985.
- Licht, F. (2001). *Goya*. Paris : Citadelles & Mazenod.
- Malraux, A. (1950). *Saturne, Essai sur Goya*. Paris : Galerie de la Pléiade, Nrf.
- Marty, P. (1974). *Les Mouvements individuels de vie et de mort*. Paris : Payot.
- Parat, C. (2013). L'affect partagé. *Revue française de psychosomatique*, 44(2): 167-182.
- Richard, F. et Urribarri, F. (2005). *Autour de l'œuvre d'André Green : Enjeux pour une psychanalyse contemporaine*. Paris : Puf.
- Smadja, C. & Green, A. (sous ma direction) (2006). Rêve et somatisation. In *Communication au Séminaire Européen*, décembre 2006.



Recebido em: 20/06/2017  
Aceito em: 05/07/2017

Tradução de **Vanise Dresch**  
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**  
Revisão técnica de **Cláudia Giacomet De Carli**

**André Green**  
9, av. de l'Observatoire  
75006 - Paris

© *Presses Universitaires de France*  
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA